

«A arquitectura é música  
pérfida»  
Goethe

**D**E CASSIANO poucos poderão lembrar o arquitecto notável sem mencionar uma ou outra peculiaridade de carácter que, não fazendo dele um mal-amado, o relegavam à ingrata situação do homem a quem apenas se pede que se mantenha à distância. Não muitos estariam dispostos a considerá-lo o maior arquitecto português deste século ou até o pai da arquitectura moderna no nosso país. Aliás, Cassiano Branco esteve arredado dos primeiros passos desse movimento onde imperavam nomes como os de Jorge Segurado, Chistino da Silva ou Carlos Ramos.

Aqueles que o conheceram testemunham a força inabalável das suas convicções, o que em Cassiano significava um compromisso raras vezes feliz entre a integridade e a teimosia. Desde os tempos da escola primária (ingressou em 1903 na Digue e a Calçada da Glória, em Lisboa), Cassiano mostrava já essa tentível característica da sua personalidade que o acompanharia até à morte, a 24 de Abril de 1970: mesmo quando não sabia o que queria só fazia o que lhe apetecia, desse por onde desse. Entre os seus colegas de escola, apenas um rapaz de nome Avilla Amaral parece ter reconhecido naquele miúdo resolutivo e pleno de sobranceira as qualidades de um arquitecto brilhante. Amaral far-se-ia engenheiro e seria, durante décadas, um precioso colaborador de Cassiano.

Mas Cassiano escolhera o país errado para viver na convicção absoluta de que tinha sempre razão. A sua primeira matrícula na Escola de Belas-Artes data de 1912 e quando abandona o curso, dois anos mais tarde, para frequentar o Ensino Técnico e Industrial, a família força-o a conseguir emprego. Acaba por casar, mesmo assim, num ambiente sem preocupações financeiras e conclui o curso de Arquitectura aos 29 anos com a cabeça cheia do que por lá se ensinava, as virtudes do modelo académico francês e a pura e simples omissão das arquitecturas anglo-saxónica e germânica. 1926 é também o ano em que ingressa na Maçonaria, na Loja «Madrugada», de rito francês. Escolhe o nome de Vitruvius, influência pacata de um livro que comprara cinco anos antes em Amesterdão, o «Tratado de Vitruvius», na lendária edição de Perrault, de 1681.

**C**ASSIANO, no entanto, não estava sozinho nesse panorama paradoxal em que eram formados os arquitectos portugueses. O que tinham de sobra em termos de desenho e composição faltava-lhes em informação e cultura. No fundo, a arquitectura portuguesa carecia de pensamento estruturado. Acabará o curso mais tarde do que qualquer outro dos

# O homem que desenhava demais

JOSÉ MENDES

seus colegas de-  
pois de contínuas  
reprovações nas  
cadeiras de Or-  
nato e, ironia do  
destino, Dese-  
nho de Figura.

Foi um ho-  
mem que acre-  
ditou sempre que  
os meios justi-  
ficam os fins des-  
de que ambos  
levassem a sua  
assinatura. Um  
desenhador que  
trabalhou com  
ele no projecto  
do Monumento  
ao Infante em  
Sagres, nos finais  
dos anos 30, re-  
corda: «Ele ex-  
plicava o que  
queria através  
de desenhos  
sem rigor ne-  
nhum, faltava-  
lhe a técnica.  
Mas as ideias  
eram fantásti-  
cas! Podia pe-  
gar na primeira  
revista que lhe  
aparecesse à  
frente e «rou-  
bar» uma ou  
outra ideia, isso  
não lhe causava  
qualquer tipo  
de problema,  
mas o resultado  
era sempre pes-  
soal e maravi-  
lhoso.»

Talvez essa já  
mítica teimosia  
de Cassiano  
Branco se reve-  
lasse aos olhos dos outros com os  
contornos da típica situação em que  
as grandes qualidades de um homem  
se acabam por transformar, mais  
cedo ou mais tarde, nos seus maiores  
defeitos. Ao contrário de muitos  
dos seus colegas, Cassiano via na



constructores,  
mas não aceitava  
que os destinos  
posteriores des-  
sas obras lhe pas-  
sassem ao largo.  
A impunidade  
era-lhe insu-  
portável.

Mas os seus  
ataques à edi-  
dade lisboeta  
eram constantes  
(numa primeira  
fase nem sequer  
assinava as  
obras), não aca-  
tavas condições  
de Duarte Pa-  
checo, não con-  
cordava com as  
pretensões dos  
constructores ci-  
vis e era me-  
nosprezado pe-  
los colegas. Em  
1937, por exem-  
plo, Pardoal Mon-  
teiro publica um  
artigo sobre a  
moderna archi-  
tectura portu-  
guesa e entre os 20  
nomes citados  
não aparece o de  
Cassiano. Para-  
doxalmente é a  
Câmara Muni-  
cipal de Lisboa  
quem hoje guar-  
da o seu espólio  
literário. Entre os  
muitos aponta-  
mentos técnicos,  
terreno privile-  
giado para as  
considerações de  
cariz íntimo e  
biográfico, Cas-  
siano discute num capítulo in-  
titulado «Arquitectura Anti-Sis-  
tica» sobre as vicissitudes do  
comportamento humano: «O ho-  
mem é, em geral, um animal  
mentalmente desequilibrado e fa-  
cilmente se esquece dos marfins

que tem passado. É um ser leviano,  
só se sente bem sonhando». São  
palavras que muitos dos que o  
conheceram não hesitariam em  
aplicar-lhe por inteiro.

Apesar de ser a década-chave da  
sua vastíssima produção, é nos anos  
30 que Cassiano comenta a sua fama  
de boémio. Os cafés e a vida  
nocturna passam a fazer parte  
integrante da sua vida, frequenta os  
teatros e é tomado de amores por  
Beatriz Costa. Protagoniza zangas  
violentas com os clientes e acaba  
por se render, temporariamente, às  
regras impostas pelo clube dos ar-  
quitectos protegidos pelas en-  
comendas públicas, um universo  
que Cotinelli Telmo encabeçava. O  
combate de Cassiano torna-se,  
depois, desigual e infrutífero, faz  
eco das suas convicções de-  
mocráticas, participa activamente  
na campanha presidencial do Gen-  
eral Humberto Delgado (fará parte  
do Secretariado e será um dos  
responsáveis pela imagem da  
campanha) e é detido pela PIDE  
(cumprirá dois meses de prisão).  
Manterá até ao fim da vida essa  
muitas vezes justificada postura de  
rejeitado.

**F**OI Cassiano um inovador  
imparável ou as suas ce-  
dências ao estilo «português  
suave» acabaram por criar uma  
calamitosa escola de equívocos de  
que ainda hoje se notam os efeitos?  
Este homem, a quem todos ad-  
miravam o perfil aquilino e por-  
tentoso, a «verve» palavrosa e ro-  
tunda, leve a vida que merecia?  
Ninguém atreve, poderão dizer, mas  
Cassiano é um caso diferente.  
Sobre viveu as regras e às cedências  
como a postura cega de um extremista  
religioso e se nunca desistiu do que  
lhe era mais sagrado foi porque  
para Cassiano nada era sagrado. Se  
não fosse um arquitecto genial, teria  
ficado na memória dos homens  
como um ser que, adormado no seu  
próprio egoísmo, não fez outra coisa  
senão criar desavenças. Como todos  
os artistas convictos das suas ideias  
(mesmo quando as suas ideias não  
se consubstanciavam nos seus tra-  
balhos), Cassiano geriu a sua  
própria intolerância de forma de-  
sastrosa. Os heróis nunca são anjos.

Talvez o arquitecto tenha sido  
vítima da sua incontrolável ape-  
tência para confundir realidade e  
sonho. Mas, esse sim, é problema  
igual para toda a gente. O que fica  
dele, no entanto, a forma como  
mudou a face de Lisboa e polvilhou  
de ideias o país, é glória suficiente.  
Quando morre, aos 73 anos, é lem-  
brado como um edificador de for-  
mas mais do que como um archi-  
tecto e projectista dotado de uma  
meticulosa precisão. Os seus bem  
amados cafés, o magnífico Cristal e  
o imponente Palladium, haviam sido  
demolidos, mas os seus amigos e  
colegas recordam nesses e noutros  
cenários a figura de um homem  
duro e nem sempre justo, que  
poucos gostariam de ver sentado à  
sua mesa a não ser para trabalhar.  
Apenas um homem que «estava  
sempre a desenhar».